

CONSOLADOR

Comunidade Espírita Cristã

Ano 15 • nº 58 • Jul/ Ago de 2024

Distribuição gratuita

EDITORIAL

Nesses últimos meses presenciamos uma catástrofe de grandes proporções no Estado do Rio Grande do Sul. Esse acontecimento foi uma combinação de fatores atmosféricos, climáticos, geográficos, sociais e até políticos, que arrasou parcialmente o Estado, minando sua economia e tornando a reconstrução um desafio para todo o país.

Na visão espírita, pensando na transição planetária, percebemos de forma clara, não apenas uma tragédia anunciada, mas um resgate coletivo de grandes proporções, onde diferentes espíritos tiveram a chance de passar por uma prova muito dura de forma coletiva, talvez um resgate compulsório.

No Livro dos Espíritos, Allan Kardec na p. 737 nos explica melhor sobre esses flagelos destruidores, quando pergunta:

“Com que fim fere Deus a Humanidade por meio de flagelos destruidores?”

Para fazê-la progredir mais depressa.

Já não dissemos ser a destruição uma necessidade para a regeneração moral dos Espíritos, que, em cada nova existência, sobem um degrau na escala do aperfeiçoamento?”

Preciso é que se veja o objetivo, para que os resultados possam ser apreciados. Somente do vosso ponto de vista pessoal os apreciáveis; daí vem que os qualificais de flagelos, por efeito do prejuízo que vos causam. Essas subversões, porém, são frequentemente necessárias para que mais pronto se dê o advento de uma melhor ordem de coisas e para que se realize em alguns anos o que teria exigido muitos séculos.”

Emmanuel no livro A Caminho da Luz nos fala da História do Império Romano e nos mostra que o processo de reparação se dá ao longo dos séculos e nos conta também a história da erupção do vulcão Vesúvio que destruiu as cidades romanas de Pompéia, Herculano, Estábias e outros assentamentos em 79 d.C.

um resgate coletivo de grandes proporções, onde diferentes espíritos tiveram a chance de passar por uma prova muito dura de forma coletiva, talvez um resgate compulsório

A erupção ejetou uma nuvem de pedras, cinzas e gases vulcânicos a uma altura de 33 km do solo, expelindo rocha derretida e pedra-pomes pulverizadas, a uma temperatura elevadíssima. O único relato de uma testemunha ocular do evento, consiste em duas cartas de Plínio, o Jovem, ao historiador Tácito.

Poderíamos até admitir que esse fato está muito distante da nossa realidade, uma vez que muitos de nós só tem contato com esse contexto histórico em livros, fotos ou aqueles que viajam e têm oportunidade de conhecer as ruínas das cidades que ficaram com muitos moradores petrificados

numa pequena fração de tempo, de medo e terror.

Porém a espiritualidade sempre procura nos ensinar com exemplos: pela psicografia de Chico Xavier no Livro Cartas e Crônicas, ditado pelo espírito Irmão X, ela nos fala da perseguição aos cristãos e o prazer sádico com que as autoridades romanas organizavam os espetáculos de pão e circo para distração da plebe e das autoridades militares que haviam retornado das guerras de conquista.

Não tendo um efetivo à altura do plano arquitetado, muitos patricios se ofereceram para ajudar na organização de um evento macabro em soberbo espetáculo. Era armar uma grande tenda no meio de uma arena militar para espetáculos de lutas e matanças, onde mulheres, crianças, velhos e doentes seriam sacrificados junto com animais para deleite e prazer da grande plateia, que de polegar para baixo, gritavam morte aos cristãos.

Quase dezoito séculos passaram sobre o tenebroso acontecimento...

Entretanto, a justiça da Lei, através da reencarnação, reaproximou todos os responsáveis, que em diversas posições de idade física, se reuniram de novo para dolorosa expiação: foi a triste história ocorrida no atual Estado do Rio de Janeiro, na cidade Niterói, na tarde do domingo dia 17 de dezembro de 1961 por volta das 15:45, quando o Gran Circus Norte-Americano pegou fogo e levou ao desencarne de 503 pessoas, deixando mais de 800 com graves ferimentos. Ainda encontramos sobreviventes dessa tragédia que aconteceu há 62 anos.

Convocamos todos os companheiros e confrades do Consolador, para em suas preces pedirem resiliência e a resignação na visão espírita, aos moradores do Rio Grande do Sul: com força e fé raciocinada o povo vai superar essa tragédia.

Eder Andrade

Palestra especial com Sérgio Thiesen

No domingo dia 9 de junho passado, tivemos a visita do médico Sérgio Thiesen, clínico geral e cardiologista, expositor espírita e estudioso da fronteira entre Medicina e Espiritualidade, que realizou uma interessante Palestra Especial sobre a Medicina e o Evangelho. Procurou correlacionar como o Evangelho pode ajudar na Medicina. A exposição durou apro-

AINDA NESTA EDIÇÃO

QUANDO UMA PESSOA MORRE, SABE QUE MORREU?.....	página 2
ZÉ ARIGÓ: O PREDESTINADO	página 3
TEXTO DE REFLEXÃO	página 4
CANTO DA POESIA	página 4
LIVRO DO BIMESTRE	página 5

ximadamente duas horas, quando Sérgio Thiesen contou várias histórias, fazendo uma correlação entre a História da Medicina desde o Egito Antigo e passagens bíblicas como a vida do profeta Daniel, João Evangelista e São Francisco de Assis, que teriam sido as encarnações do mesmo espírito.



Apresentou um interessante PowerPoint com imagens para nossa reflexão, principalmente de casos por ele tratados ao longo da sua jornada profissional como terapeuta espiritual. Casos que através do trabalho da reunião mediúcnica, foi possível conhecer a história espiritual do encarnado em sofrimento e acolher os espíritos em desequilíbrio que acompanhavam a pessoa enferma. Segundo Thiesen a medicina espiritual trabalha no acolhimento aos sofredores encarnados e desencarnados, com a permissão dos

mentores espirituais para realizar as terapias necessárias.

Sérgio Thiesen sugeriu como leitura aos mais interessados as obras Universo e Vida de Hernani T. Sant'Anna e As Sete Esferas da Terra de Mário Frigéri, como obras que nos ajudam a compreender a vida espiritual em outros mundos, assim como no nosso planeta.

Segundo Thiesen, a Terra é um planeta de provas e expiações, que apresenta diferentes moradas para os espíritos em processo de evolução. Ele nos lembrou que a colônia Nosso Lar fica na fronteira com as regiões provacionais, conhecidas como Umbral.



Nossa presidência agradece a participação de todos que estiveram presentes no evento deste domingo e que depois trocaram ideias no café de confraternização.

Eder Andrade

Quando uma pessoa morre, sabe que morreu?

Há pouquíssimas fatalidades nas leis de Deus, uma delas certamente é representada pelo inevitável desfecho da morte. A primeira obra básica da Doutrina em uma de suas abordagens sobre o tema assim se expressa:

Algumas pessoas só escapam de um perigo mortal para cair em outro. Parece que não podiam escapar da morte. Não há nisso fatalidade?

“Fatal, no verdadeiro sentido da palavra, só o instante da morte o é. Chegado esse momento, de uma forma ou de outra, a ele não podeis furtar-vos.”¹

Fatalismo biológico, ou seja, não há corpo físico - instrumento de trabalho do ser imortal -, que possa existir eternamente, mais cedo ou mais tarde as células desagregam-se provocando o colapso desta estrutura material, casa provisória onde se abriga o Espírito reencarnado.

A ciência, embora tentando há bom tempo sintetizar o elixir

da eternidade, nada ainda encontrou, e jamais terá sucesso, pois a lei de Deus não contempla a indestrutibilidade do corpo físico, apenas a do Espírito, sendo assim, é de se esperar que todos os seres vivos acabem morrendo, fato comum desde o início dos tempos.

Ora, como já tivemos numerosas vidas, conseqüentemente já morremos inúmeras vezes, já experimentamos este fatalismo em muitas ocasiões, poder-se-ia assim imaginar que já houvéssemos registrado este aprendizado e toda vez que morrêssemos, lembraríamos do que estaria sucedendo naquele singular instante.

Ocorre que tal não se dá, ainda nos encontramos muito inferiores na escala da evolução, dificultando sobremaneira o entendimento do que está acontecendo no momento em que o Espírito inicia o seu desligamento do corpo, por motivos diversos, para retornar a vida verdadeira, a espiritual.

De modo geral, há uma perturbação, uma confusão de acordo com o modo de vida escolhido pelo Espírito: se a vida foi mais espiritualizada, atenua o estado de confusão mental a ponto de o Espírito alcançar plena consciência de seu desencarne, alguns, raros, podem mesmo providenciar o próprio desligamento do perispírito do corpo físico; quando muito material, a perturbação é intensa.

Sendo este último o caso a se aplicar à grande maioria, podemos concluir de forma geral: quando a pessoa morre, não sabe que morreu. Em muitos há a percepção de uma mudança significativa, pois não conseguem mais conversar com os vivos; seus parentes, por exemplo, não respondem mais às suas indagações; percebem também não ter mais acesso às coisas materiais, e assim por diante. Seria como um sonho ruim, um pesadelo, onde está tudo às avessas. Algum tempo será necessário para conscientizar-se ou mesmo ser conscientizado que faleceu. Outros dormem ao desencarnar, passaram a vida inteira alheios aos postulados divinos, nada esperavam após a morte, entrando assim em um estado semelhante à hibernação até serem acordados para a fatalidade da vida.

Podemos apontar um caso, entre tantos, para exemplificar o que pode ocorrer na ocasião da morte. No livro Os Mensageiros² de André Luiz, há um capítulo intitulado Pavor da morte, onde é descrita uma situação peculiar em um necrotério. Havia um cadáver de uma jovem e ao seu lado estava uma entidade masculina em atitude de zelo chamando há seis horas a recém-desencarnada para abandonar o corpo. O inesperado nesta descrição é que a falecida estava unida aos despojos copiando a posição cadavérica, com medo de deixá-los. Aterrorizada, fechava as pálpebras para não ver algo que a atemorizava. Esta entidade ao seu lado era o seu noivo que a havia antecedido no fenômeno da morte e agora ali estava para recebê-la com alegria, contudo, pelo despreparo espiritual da jovem, esta acreditava ver um fantasma, porquanto recordava-se claramente da morte do noivo.

Aniceto, instrutor de André Luiz nesta obra, ambos vivenciando esta situação *sui generis*, orientam o noivo para se afastar temporariamente, pois não conseguiria realizar o seu intento de recebê-la e levá-la para uma casa espiritual, consi-

derando estar a noiva muito aturdida, acreditando estar sendo perseguida por um morto, passava por um pesadelo. Experiência neste tipo de situação, Aniceto se faz passar por um doutor anunciando um novo tratamento à jovem, esta aceita a oferta, afastando-se finalmente do corpo. Aniceto, aproveitando o momento, aplicou passes magnéticos adormecendo-a e, em seguida, entregando-a ao seu prestativo noivo:

Caso resolvido!

Vemos desta forma uma possível consequência de não nos prepararmos para a morte do corpo material, este, sempre chega a seu termo na hora adequada, enxergando naquela – a morte - apenas um desdobramento natural da continuidade da vida.

Rogério Miguez

¹ - KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. Trad. Guillon Ribeiro. 69. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987. q. 853.

² - XAVIER, Francisco C. Os mensageiros. Pelo Espírito André Luiz. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1983. cap. 48 - Pavor da morte, p. 250 e 251.

Zé Arigó: O predestinado

Até a metade do século XX, no Brasil ocorriam muitas manifestações espirituais, algumas materializações espontâneas favorecidas pela mediunidade de efeitos físicos de médiuns de berço, como o caso de Ana Rebello Prado em Parintins no estado do Amazonas, isso sem falar em Chico Xavier e também em Francisco Peixoto Lins, conhecido como Peixotinho.¹

A espiritualidade atuava de acordo com a programação das esferas mais elevadas e dessa forma, aconteceram manifestações espontâneas em diversos lugares do Brasil.

Entre essas manifestações ocorreu uma na década de 1950 que chamou atenção de todo o país, quase tanto como Chico Xavier, mas com uma diferença. O médium, embora fosse um homem simples, tinha uma mediunidade específica de efeitos físicos voltada para cura de enfermos. Estamos falando de José Pedro de Freitas, conhecido por todos como Zé Arigó, na cidade de

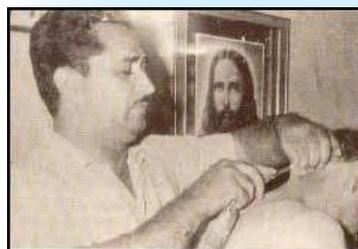
Congonhas, em Minas Gerais. Zé Arigó trabalhava numa mineradora, só tinha o Ensino Fundamental e era casado com Arlete, uma prima em 4º grau e pai de seis filhos. (a)



(a)

Por volta de 1950, passou a sofrer de fortes dores de cabeça e ter visões. Ouvia uma voz em um idioma que não entendia o que lhe era falado. Achava que estava enlouquecendo. Certa vez teve um sonho, que segundo ele, um homem vestido de branco, aparentemente um médico, operava em uma

sala de cirurgia. Após esse sonho se repetir várias vezes, esse homem se revelou para Arigó, dizendo ter vivido na época da Primeira Guerra Mundial.



(b)

Mesmo sem saber o idioma do homem, Arigó percebeu o que ele tentava-lhe dizer em sua mente; o médico precisava continuar sua missão na Terra, de ajudar pessoas necessitadas. Arigó teria sido escolhido para completar essa tarefa. Seu nome era Adolph Fritz, um médico alemão e Arigó era o predestinado para executar com Dr. Fritz essa tarefa mediúnica.

Arigó ficou muito perturbado de início, procurou ajuda médica e até o pároco local, que chegou a realizar sessões de exorcismo, mas com o tempo começou a se acalmar e aceitar o convite que o espírito lhe havia feito, embora sempre afirmando que não sabia o que era para fazer, pois ele tinha sido um trabalhador de mineradora e não fazia a mínima ideia, embora sentindo em sua mente que ele apenas deveria aceitar. Ele acabou permitindo que a entidade agisse por seu intermédio. Foi então que o espírito passou a usar suas mãos rudes através de instrumentos simples, porém grosseiros, em procedimentos cirúrgicos delicados no atendimento de pessoas doentes. Esses instrumentos eram facas, navalhas e canivetes, sem nenhum tipo de esterilização.

Um dos casos mais conhecidos, foi do Senador Carlos Alberto Lucio Bittencourt, ocorrido em torno de 1950, onde de rompante, Arigó, incorporado por Dr. Fritz, rea-

lizou uma cirurgia no quarto do hotel onde Carlos Alberto estava hospedado sem uso de anestesia e sem assepsia alguma, o mais surpreendente, sem que Carlos Alberto sentisse qualquer dor. Um tumor cancerígeno fora removido e como confirmado mais tarde, segundo o senador nos conta, encontrava-se plenamente restabelecido.

Apesar de ter desenvolvido a mediunidade, Arigó possuía formação católica tradicional. Inicialmente não tinha nenhuma relação com o Espiritismo, muito menos com o Espiritualismo. Com o passar do tempo acabou se aproximando da Doutrina Espírita.

O trabalho realizado por Arigó era muito espontâneo. Quando passou a aceitar a presença do Dr. Fritz, ele rezava e ocorria a incorporação, onde utilizava objetos cortantes, como facas e canivetes para extrair, em rápidos procedimentos, quistos e tumores dos enfermos.



(c)

As incisões eram pequenas, se comparadas aos procedimentos cirúrgicos praticados na época, muitas vezes menores que o material por elas extraído. Tudo sem uso de anestesia ou algum tipo de assepsia. Às vezes, durante a intervenção cirúrgica, Dr. Fritz ditava uma receita pela psicofonia de Arigó, escrita ou às vezes datilografada por um de seus assistentes, para ser entregue ao enfermo. (b)

As curas acabaram atraindo a atenção de pessoas de diversos lugares do Brasil e até do exterior. A fila de pessoas que buscava ajuda passou a chamar atenção dos médicos, dos

laboratórios, da Igreja e até dos políticos. Apesar da desaprovacão da Igreja, Arigó acabou abrindo um local para atendimento aos necessitados. Muitos famosos da época procuraram Arigó, entre eles podemos destacar Roberto Carlos para ajudar um dos seus filhos. Arigó teve contato com Chico Xavier, que nessa época morava em Pedro Leopoldo.

Arigó foi perseguido pela acusação de prática ilegal da Medicina, sendo preso, julgado e acusado de curandeirismo. Foi condenado a quinze meses de prisão em 1958, mas recebeu o indulto do presidente Juscelino Kubitschek.

Alguns anos mais tarde, em 1964, foi novamente preso e detido por sete meses em Conselheiro Lafaiete, pelo exercício ilegal da Medicina. Continuou a prática mediúnica mesmo dentro do presídio, tendo retornado a Congonhas com prestígio ainda maior. (c)

“Zé Arigó realizava cirurgias espirituais, diagnósticos sem anamneses, prescrições surpreendentes, cirurgias com corte sem anestesia ou assepsia, e, no entanto, sem dor, infecções ou complicações cirúrgicas e com alto relato de eficácia. Dois processos e duas condenações por curandeirismo e exercício ilegal da Medicina. Um trabalho gratuito, de amor e caridade, por 21 anos”.²

Em 1968 dois médicos norte-americanos vieram ao Brasil para pesquisar a mediunidade de Arigó e comprovaram que

não se tratava de mistificação, e que 95% dos diagnósticos eram corretos e que as cirurgias poderiam ser explicadas à luz da parapsicologia. Arigó desencarnou em 11 de janeiro de 1971, em um acidente de carro na rodovia BR 040, previsto pela espiritualidade que o acompanhava. (d)



(d)

A repercussão foi tão grande na época, que foi lançado em 2018 o filme “O Predestinado” com o ator Dalton Mello, fazendo papel do Zé Arigó e Juliana Paes de Arlete, sua esposa. Esse filme teve uma boa aceitação no meio espírita em geral.

Eder Andrade

Bibliografia consultada:

- 1) Wantuil, Zêus (organizador); *Grandes Espíritos do Brasil (53 Biografias)*; Ed. FEB.
- 2) Oliveira, Leida Lúcia de; *Cirurgias Espirituais (de José Arigó)*; Ed. AME de Minas Gerais.
- 3) Wikipédia (A Enciclopédia Livre).

E para isso, quase sempre, recorrem a negativas de vária espécie.

Dizem-se pecadores, mas fogem deliberadamente ao ensejo que lhes propicia a aquisição de virtude.

Afirmam-se devedores, quando, nesse aspecto, lhes cabe maior diligência na solução dos compromissos de que se oneram.

Declaram-se inúteis, ausentando-se dos quadros de trabalho em que poderiam mostrar os préstimos de que são mensageiros.

Asseveram-se imperfeitos, desertando da luta capaz de conferir-lhes mais amplo burilamento.

Escrevem longas confissões de remorso, sem ânimo de gastar ligeiros minutos na reparação dos erros em que se anunciam incursos.

Proclamam-se cansados, esquecendo-se de que, assim, exigem mais dura cooperação dos semelhantes, em diversas ocasiões, muito mais fatigados do que eles mesmos.

Intitulam-se doentes, reclamando o sacrifício dos outros.

Inculcam-se por vítimas do desencanto, veiculando o pessimismo com que esmagam as esperanças alheias.

Categorizam-se por neurastênicos angustiados, sem compaixão para com aqueles que lhes suportam a bile.

Acreditam-se perseguidos por Espíritos inferiores, sem jamais ofertar-lhes qualquer recurso de amor à renovação.

Lamentam-se. Colecionam queixumes. Exageram sintomas. Escusam-se e choram.

Ante a educação que ilumina e a caridade que levanta, imaginam-se ignorantes e fracos, malogrados e infelizes, muitas vezes mentalizando infortúnio e frustração, tédio e suicídio.

Transitam aqui e ali, entre a desconfiança e o desânimo, sentindo-se habitualmente desamparados e incompreendidos, destacando-se, onde surjam, à maneira de sensitivas ambulantes, temendo ciladas e tentações.

E encerram-se, por fim, na reclusão de si mesmos como se, insulados e inertes, estivessem conquistando altura moral. Contudo, nada mais conseguem que a fuga do dever a cumprir, porque, se, em verdade, procuram a apetecida libertação do mal, é imprescindível entendam que a melhor maneira de extinguir-se o mal será fazermos para com todos e em toda parte a maior soma de bem.

Do livro Religião dos Espíritos (1960); psicografado por Francisco Cândido Xavier; ditado pelo Espírito Emmanuel; Cap. 47 - Contradição; FEB.

TEXTO PARA REFLEXÃO

Contradição

Reunião pública de 29/6/59

Questão nº 770

Muitos companheiros, a pretexto de se guardarem contra o mal, evitam contatos com esse ou aquele círculo de serviço, caindo frequentemente em males de maior monta.

CANTO DA POESIA

CUIDADO, MEU PESSOAL

Dura cegueira que estafa!
Quanta gente presa a ela!...
Manicômio na garrafa,
Sepultura na panela!...

*

Desencarnado, o João Binga
Não sabe onde se amontoa,
Se na cabeça de pinga,
Se na bandeja de broa...

*

Caso triste!... O Sizenando,
Homem de garfo violento,
Saiu do corpo levando
Chouriço no pensamento.

*

Cuidado, meu pessoal!...
Ninguém me sinta gabola...
Tudo que eu diga de mal
É só do Lulu Parola.

Lulu Parola

*Do Livro Trovas do Mais Além (1971) por Diversos
Espíritos; Cap.: II - Cuidado, meu pessoal; Psicografia de
Chico Xavier; Ed. CEC.*

“Procuraremos os recursos e as bênçãos de que nos
sentamos necessitados, aprendendo a prestigiá-los
e assimilá-los, sem abuso, quando o Senhor no-los
coloque nas mãos”.

Emmanuel

Uberaba, 21 de fevereiro de 1976.

Expediente

CONSOLADOR
Comunidade Espírita Cristã

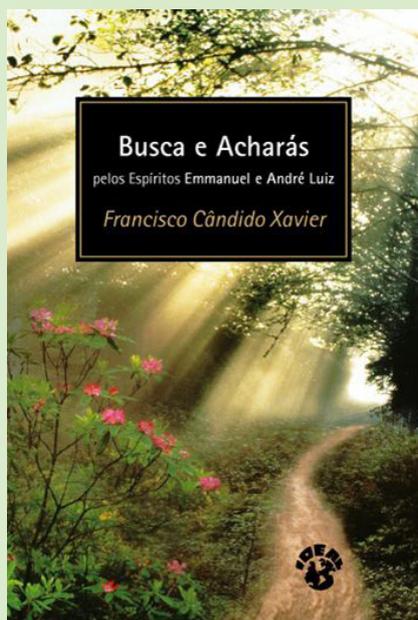
Publicação Trimestral do
Consolador - Comunidade Espírita Cristã
Rua Cinco de Julho, 276 - Copacabana
www.consolador.org

Presidente: Anuska de Carvalho L. Moreira
Vice-Presidentes: José Corni, Eder Andrade
Diretor Doutrinário: Gerson Sestini
Jornalista Responsável: Vivian Rodrigues
Designer Gráfico: Gilbert Esmério Corni

Cartas para este jornal: Aos cuidados do Consolador Rua Cinco
de Julho, 276 - Copacabana - 22051-030 - Rio de Janeiro - RJ

e-mail: jornal@consolador-cec.com.br

LIVRO DO BIMESTRE BUSCA E ACHARÁS



Este livro não tem pretensões de elucidário,
mas é feito com pedaços da amizade que nos
impulsionou a escrevê-lo.

As páginas que reunimos são parcelas de conversa-
ções íntimas com os irmãos que desejam valorizar
a vida e aproveitar as vantagens do tempo. Pequenos
textos de apoio fraterno e considerações ligeiras
aqui se aliam em nossa modesta cooperação no
intercâmbio espiritual. Ensinou-nos Jesus busca e
achará.

BAZAR Sheilla

Shopping Cidade Copacabana

“Shopping dos Antiquários”

Rua Siqueira Campos 143, 1º piso,

corredor D, loja 132

Copacabana - RJ

Funcionamento:

2ª e 3ª das 09h às 18h

4ª das 10h às 18h

5ª das 10h às 18h

6ª das 10h às 16h

Recebemos doações de roupas, bolsas, calça-
dos e objetos em geral que, de preferência, ainda
estejam em bom estado de utilização.